

Comunicação na cibercultura: nova abordagem do pensamento de Georg Simmel

Sandra Portella Montardo*

Índice

1	Introdução	1
2	Modernidade e as formas sociais	2
3	Georg Simmel e a interação social	4
4	Wolton e a dupla hélice da comunicação: dimensão normativa e funcional	9
5	Crise da cultura e cibercultura	10
6	Termos da nova abordagem da obra de Simmel	12
7	Referências bibliográficas	13

Resumo

Este artigo sugere uma nova abordagem da obra do sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel para o pensamento comunicacional com a emergência da cibercultura, ao relacionar as formas sociais de interação com seu conceito e tragédia da cultura, visando o

entendimento da comunicação no âmbito da cibercultura. Para tanto, o conceito de comunicação de Dominique Wolton, segundo o qual a comunicação é uma dupla hélice entre as dimensões normativa e funcional, ligadas pelas tecnologias de comunicação e de informação, parece ser pertinente ao arranjo conceitual aqui proposto, fortalecendo a hipótese de que a comunicação, segundo Wolton, possa constituir uma agenciadora de formas sociais na cibercultura.

Palavras-chave: Georg Simmel; Forma Social; Comunicação; Cibercultura; Dominique Wolton.

1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo propor uma nova abordagem da obra de Georg Simmel animado por uma intuição que parte de uma problemática atual do pensamento comunicacional: entender o estatuto de inscrição da comunicação no âmbito da cibercultura. Nesse sentido, pensa-se que seja pertinente interpretar comunicação enquanto forma social de acordo com Simmel.

Com esse propósito, no entanto, faz-se necessário a seleção de um conceito específico de comunicação, qual seja o de Dominique

*Doutora pelo PPGCOM da PUCRS, Linha de Pesquisa Comunicação e Tecnologias do Imaginário (2004), fez Estágio de Doutorado na Paris V, Université René Descartes, Sorbonne (dezembro2003-junho2004), participou das sessões do GRETECH/CeaQ. Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Feevale, em Novo Hamburgo, RS, pesquisadora do Grupo Comunicação e Cultura, filiado à mesma instituição. Este trabalho foi apresentado no Núcleo de Pesquisa 08 - Tecnologia da Informação e da Comunicação, do XXVII Intercom.

Wolton, segundo o qual a comunicação figura como uma dupla hélice entre as dimensões normativa e funcional, ligadas pela técnica (tecnologias de comunicação e de informação). Vale ressaltar que, para esse autor, a técnica também promove uma mistura entre as dimensões entre as quais promove a união.

Busca-se aqui expor os principais movimentos dessa dinâmica argumentativa, a partir da qual pensa-se ser procedente a proposição de que a comunicação pensada em termos de formas sociais favoreça um entendimento complementar de que cibercultura coincida com o conceito e a tragédia da cultura segundo Georg Simmel. Assim, será destacado os aspectos da sociologia formal de Simmel julgados adequados para essa empresa, apropriações do pensamento simmeliano nos estudos de comunicação, o conceito de comunicação de Dominique Wolton, além de pistas que insinuem a relação entre o conceito e a tragédia da cultura simmelianos com a cibercultura.

2 Modernidade e as formas sociais

Segundo Frisby (1992), na tentativa de elaboração da sociologia como ciência da época presente, com o que descartava análises históricas sistemáticas dos fenômenos analisados, Simmel acaba por formular um projeto sociológico não-ortodoxo. Tratava-se da sociologia formal, buscando identificar as formas sociais de interação, a partir da qual esse autor designa para a sociologia uma atribuição investigativa original.

Tendo em vista uma sociedade que, principalmente a partir do século XIX, assistiu à “preponderância que o aspecto técnico da

vida adquiriu com relação ao seu aspecto interior, a respeito de seus valores pessoais” (Simmel apud FRISBY, 1992, p. 87), havia a exigência de um novo modo de abordá-la. O contexto era o de um rápido desenvolvimento econômico, após a unificação da Alemanha, no qual, segundo Simmel, o interesse de produtores e consumidores era o de dominar a técnica, esquecendo-se que esta era apenas um meio para um fim. Frisby comenta a percepção que Simmel tinha de sua época, nestes termos:

Assim, pois, a modernidade é um modo particular de experiência vivida dentro da sociedade moderna, que compreende não só nossas reações interiores frente a ela, mas também sua incorporação a nossa vida interior. O mundo exterior passa a ser parte de nosso mundo interior. Por sua vez, o elemento essencial do mundo exterior fica reduzido a um fluxo incessante e todos seus fugazes, fragmentários e contraditórios momentos ficam incorporados à nossa vida interior (FRISBY, 1992, p. 94).

Com isso, Simmel (1977) problematiza a sociologia mediante uma sociedade em que se notava o crescimento em importância do papel das massas frente ao indivíduo na sociedade de massas, engendrando o movimento entre interior (alma, subjetividade) e exterior (matéria, objetividade). Para o pensador (1977), a sociologia, sob essas alegações, representaria para os outros domínios do saber um novo caminho, um novo método que poderia ser aplicado à totalidade dos problemas. O que, por sua vez, sinalizaria um novo conceito de sociedade, que levasse em conta a dinâmica entre forma e

conteúdo numa mesma unidade. Nas palavras do autor:

Tais são justamente os elementos (inseparáveis na realidade) de todo o ser e acontecer sociais: um fim, um motivo e uma forma ou maneira de ação recíproca entre os indivíduos, através do qual ou em cuja figura alcança, aquele conteúdo, realidade social (SIMMEL, 1977[1908], p. 17).

Dessa forma, a figura da socialização começa a se destacar, tornando possível esse conceito de sociedade. Por outras palavras, a unidade que possibilita à sociedade ser apreendida em conceito provém da interação social, por meio de movimentos que fazem com que os indivíduos sejam levados a conviver entre si, numa ação conjunta de influências.

Deroche-Gurcel (2002) enfatiza o movimento entre duas noções-chave para Simmel que marca uma rara ruptura no seu pensamento, tornando possível seu particular projeto sociológico. Trata-se de ação recíproca (Wechselwirkung) e forma (Form). O termo “ação recíproca” aparece antes do de forma, já em 1890, designando que há sociedade onde haja ação recíproca entre indivíduos. Entretanto, a autora faz notar que por “ação recíproca”, Simmel não se sentia autorizado a qualificar situações vividas por um pequeno número de indivíduos ou realizadas durante um curto período de tempo. Quanto a esse aspecto, a autora sintetiza:

A descoberta da abstração da forma, que se distingue do conteúdo da socialização, restitui a essas ações recíprocas mínimas seu direito a valer como constelações autenticamente sociais: não são

mais o número de atores nem a duração de sua relação que servem de definidor do social, mas é a forma de socialização configurada por eles exterior a motivos e interesses materiais que suscitaram a ação recíproca. (DEROCHE-GURCEL, 2002, p. 26)

Em *Soziologie* (1908), Simmel mantém essa premissa e a complementa, ao indicar que são diferentes pulsões, de caráter cooperativo ou conflitivo, que levam os indivíduos a estabelecerem relações entre si. No entanto, essas inclinações, instintos ou motivações, que mobilizam os indivíduos para o contato em sociedade não são, segundo o autor (1977), algo social. Ou seja, a fome, o trabalho, o amor, a religiosidade, a técnica, funções ou obras da inteligência, isoladamente, não constituem fatores sociais por si só, ainda que a socialização aconteça mediante esses impulsionadores na realização dos interesses. Por outras palavras, esses elementos não sociais são os conteúdos, a matéria da socialização. Watier (2003) resume esse aspecto da seguinte forma:

As formas de socialização se apóiam sobre conteúdos que não são sociais, eles fazem parte da constituição psico-física dos seres humanos, elas supõem a possibilidade de relações psíquicas que permitem aos homens agir em conjunto ou uns contra os outros e, ao fazerem isso, formam associações, uniões, sociedades. (WATIER, 2003: p.31)

Além disso, Simmel (1977) propõe que a sociologia tendia a estudar fenômenos sociais que tivessem cristalizado a energia recíproca entre os indivíduos. Nesses termos,

instituições como o Estado, a família, organizações econômicas e militares, sindicatos, entre outras, caracterizavam a sociedade como objeto tradicional de estudo sociológico. Ainda que o autor (1977) reconhecesse a importância dessas organizações para o entendimento da sociedade, dever-se-ia prestar atenção na continuidade entre estas e o conjunto social, por meio das formas sociais.

Ao se perguntar “como é possível a sociedade”, Simmel (1977) arrisca que esta se realiza no indivíduo por meio de processos. “A sociedade constitui um labirinto social dentro do qual os indivíduos e os grupos se cruzam” (FRISBY, 1992, p. 108). Afinal, ao constatar que o indivíduo é fragmento não só do homem de maneira geral, mas também de si mesmo, de modo particular, o autor (1977) considera que é o olhar do outro, no corpo social, que vem a complementar essas fissuras. Com certeza, esse olhar é sempre fator de deformação da realidade, porque atravessado pelos elementos não-sociais que motivam a socialização. Por fim, Simmel sintetiza os aspectos principais de seu projeto sociológico, nas seguintes palavras: “O problema sociológico se propõe tão só a abstrair o que no fenômeno complexo que chamamos vida social é realmente sociedade, quer dizer, socialização” (SIMMEL, 1977[1908], p. 56).

Simmel destaca a alteração da vida em sociedade na modernidade é que o indivíduo não seja ligado aos grupos de maneira orgânica, contínua e exclusiva, haja a liberação da presença física nos mesmos. Esse aspecto está associado à crescente intelectualização do mundo moderno e ao espaço que esta confere a uma espiritualização cada vez maior dos laços sociais. Há, com isso, uma certa relativização das noções de distância e de proximidade nas relações sociais. Pois,

ao mesmo tempo que não se formam grupos baseados simplesmente na proximidade espacial, proliferam meios que permitem vencer a distância nas relações contraídas.

O destaque atribuído a essa espiritualização dos laços sociais na modernidade, favorecendo o pertencimento do indivíduo a múltiplos grupos e coincidindo com a relativização de referências espaço-temporais pode ser associada em termos da virtualização observada na cibercultura. Com relação a isso, Simmel (1977) relaciona o que denomina de meios de comunicação generalizada com o crescimento do tamanho dos grupos e o domínio da ação individual. Trata-se, como foi indicado acima, de meios que, devido ao seu caráter abstrato e universal, de relaxar os laços com os mais próximos e se engajar em laços reais ou ideais com os mais distantes.

3 Georg Simmel e a interação social

Pode-se dizer que nas propostas teóricas que se voltam para a questão da interação social, a sociedade é vista sempre como uma estrutura viva, um estado de permanente atualização que agencia sua dinâmica de variadas maneiras. Por essa razão, percebe-se a influência da teoria simmeliana das formas sociais nas mesmas.

No entanto, nota-se que Simmel constitui uma referência que a maioria dos pesquisadores que se valem de suas idéias não faz questão de admitir ou de enfatizar. Costuma ser nas obras dos intérpretes das teorias desses autores que se encontram referências ao aporte simmeliano nas mesmas. A Escola de Chicago, nesses termos, figura como uma exceção.

A sociologia norte-americana foi pioneira em termos de se valer do legado de Simmel. Viellard-Baron(1989) lembra que foi somente após o impulso da Escola de Chicago que Simmel foi redescoberto pelos sociólogos europeus, a partir da década de cinquenta. O termo redescoberta se justifica, em parte, pelo fato de que um texto de Simmel tenha sido publicado no primeiro número da revista *L'Année Sociologique* (1894).

Watier (2003) atribui essa publicação ao fato de que Simmel demonstrasse preocupação em delimitar os domínios científicos da sociologia, assim como todos os sociólogos da época. Watier ainda complementa que “se ele (Simmel) fora traduzido muito cedo em francês, em inglês, em italiano e em russo, sua influência sobre a sociologia sofrera depois da primeira guerra uma longa eclipse”(WATIER, 2003, p. 9).

Mattelart(1999) destaca a importância do legado de Simmel, enquanto pensador que valoriza o movimento empreendido nas trocas entre os indivíduos, principalmente com relação à Escola de Chicago no que tange à pesquisa sobre comunicação. Para que se compreenda como essa influência se deu, vale considerar o que Mattelart delimita como interesse de reflexão dessa Escola:

A cidade como ‘laboratório social’ com seus signos de desorganização, de marginalidade, de aculturação, de assimilação; a cidade como lugar da ‘mobilidade’: tal é o terreno da observação privilegiado pela Escola de Chicago.(MATTELART, 1999, p.30)

Segundo Coulon (1992), a expressão Escola de Chicago designa um conjunto de pes-

quisas sociológicas empreendidas por professores e estudantes da Universidade de Chicago entre 1915 e 1940. Ainda que não se trate de uma corrente de pensamento homogênea, prossegue o autor, algumas características garantem unidade a esse importante capítulo da sociologia norte-americana. Com o intuito de captar os desdobramentos que a questão da imigração, interna e estrangeira, que marcaram a vida dessa cidade desde a segunda metade do século XIX, os pesquisadores dessa Escola se valem de uma orientação empírica, pretendendo elaborar conhecimentos úteis para resolução de problemas concretos. A sociologia da Escola de Chicago é pioneira no que pode-se chamar de uma sociologia urbana e se vale de investimentos financeiros de fundações de preocupação social, mantidas por particulares, para tanto.

Em vista disso, desenvolve-se o que viria ser chamado de sociologia qualitativa, através da utilização de métodos inovadores no trabalho de campo e nos estudos de caso, tais como: entrevistas, exame de documentos pessoais, análise de cartas, observação participante, entre outros. Como se pode esperar do conjunto variado de conhecimentos produzidos pela Escola de Chicago, o método igualmente acaba por se diversificar. A pesquisa quantitativa, que buscava enquadrar estatisticamente os dados obtidos, também tem lugar no seio dessa instituição.

Mattelart (1999) credita ao jornalista e professor Robert Ezra Park, que mantinha o perfil investigativo de suas reportagens, elevando-as à condição de pesquisa sociológica, um dos pesquisadores de destaque da Escola de Chicago, a introdução das idéias de Gabriel Tarde e de Georg Simmel nos Estados Unidos. Considerou-se que a aborda-

gem desses autores permitia o tipo de análise social pretendido por essa Escola. Isso porque, segundo esse grupo de pesquisadores, as formulações desses autores estariam mais próximas a situações concretas do que os grandes sistemas especulativos em voga na Europa nas primeiras décadas do século XX.

Através da ênfase dada à situação do estrangeiro na cidade de Chicago, percebe-se a influência de Georg Simmel na contribuição teórica desses pesquisadores, com destaque para Park. Ao ressaltar a recorrência desse tema, Coulon afirma que o mesmo “já havia sido desenvolvido por Simmel, freqüentemente citado pelos pesquisadores da Escola de Chicago, em particular por Park, que seguiu três de seus cursos de sociologia em Berlim, em 1900, e, em seguida, foi profundamente influenciado por ele”(COULON,1992: 52).

Mattelart (1999) pontua que as noções de Simmel formuladas em “A metrópole e a vida mental”(1903) estão presentes no trabalho de pesquisa promovido por Park. Ou seja, a idéia de que a cidade enquanto “estado de espírito”, as alterações psicológicas na “personalidade urbana”, a intensificação de estímulos nervosos e as questões de mobilidade e locomoção compõem esses estudos.

Em outras palavras, Watier (2003) afirma que Park sempre sublinhou sua dívida com relação à Simmel, no que diz respeito às reflexões sobre o homem marginal, o homem mosaico e o imigrante. Esse autor ainda indica que tanto Ernest Burges, outro nome de destaque da Escola de Chicago, quanto Park insistem sobre a interação social no mesmo sentido que Simmel a definia. Ou seja, “ela (interação social) caracteriza o grupo no tempo e no espaço”(WATIER, 2003, p. 134).

Nesses termos, o trabalho de Park sobre o ciclo das relações étnicas, conforme mostra Coulon (1992), distingue o seguinte processo social como quatro etapas sucessivas: a competição, que se deixaria notar através do equilíbrio econômico, o conflito, que se desenrola na ordem política, a adaptação, que diz respeito à organização social e a assimilação, condizente com as questões de personalidade e herança cultural desses grupos.

Em função dessa última fase, pode-se vislumbrar a questão comunicacional no trabalho de Park. Conforme Coulon (1992), é nessa etapa que há uma relativização das diferenças e uma mistura de valores por parte dos imigrantes. Memória, sentimento e atitudes ganham ênfase através da partilha de sua experiência e de sua história. O resultado é uma vida cultural comum. “A assimilação é um fenômeno de grupo, no qual as organizações de defesa da cultura imigrada por exemplo, ou os jornais em línguas estrangeiras, vão desempenhar um papel determinante”(COULON, 1992, p. 39).

Traços do pensamento simmeliano também podem ser encontrados na Teoria do Agir Comunicativo(1981) de Jünger Habermas, que reabilita a razão para fins emancipatórios, positivos para a humanidade, por meio da comunicação propriamente dita. E isso graças à capacidade que os homens têm para discutir suas condições de vida e racionalizar o mundo da vida, na medida em que se passa da conversação (sociedade tradicional) para a discussão (sociedade moderna), pressupondo-se uma alteração na essência das formas de entendimento. Rüdiger (2003) salienta quanto a isso que:

A comunicação contém um mecanismo que serve para aumentar o conhecimento

prático, transformar criticamente as velhas legitimações e gerar novas formas de vida. A discussão consiste na passagem, hipotetizada praticamente, da ação comunicativa no mundo da vida, marcada pela sedimentação das coerções provenientes dos processos de trabalho e das relações de poder entre os homens, para uma forma de vida livre e igualitária, a chamada comunidade ideal de comunicação. (RÜDIGER, 2003, p. 101)

Associada a essa questão, está a relação que Habermas estabelece entre formas generalizadas de comunicação e meios de regulação. Nas palavras do autor:

de um lado, há meios de regulação, que permitem aos sub-sistemas do mundo-da-vida se diferenciarem; de outro, há formas generalizadas de comunicação; elas não substituem a intercompreensão pela linguagem, elas só condensam e, por essa razão, elas continuam ligadas a contextos do mundo-da-vida. (HABERMAS, 1987 II, p. 429)

Isso de tal forma que os meios de comunicação, pertencentes a essas formas generalizadas de comunicação, sustentados por uma razão instrumental, passem a assumir o processo de formação de consenso na modernidade. Ou seja, a integração simbólica condicionante de toda a comunicação, passa a ser substituída pelo dinheiro. Com isso, não mais a linguagem, mas um mecanismo de integração sistêmico passa a presidir, então, a comunicação. Por outras palavras, Rüdiger(2003) resume essa proposição de Habermas:

Os meios de comunicação constituem formas generalizadas de comunicação, na medida em que condensam materialmente e expandem coletivamente o conhecimento cultural, mas ambivalentes, na medida em que são formas colonizadas pelos meios de controle sistêmico representados pelo poder e dinheiro. (RÜDIGER, 2003: p. 106)

De maneira mais explícita, é importante destacar que o desenvolvimento das tecnologias de informação como formas generalizadas de comunicação, tem a ver com a formação de esferas de opinião pública. Reside na mediação proporcionada por essas tecnologias, em termos de relativização/multiplicação de contextos espaço-temporais a serem previstos na comunicação, a questão do suposto descomprometimento dos agentes sociais com sua própria comunicação. Dessa forma, promover-se-ia o progressivo distanciamento entre a ação comunicativa e os contextos normativos subjacentes no mundo-da-vida.

No entanto, Habermas aposta na autonomia potencial dos agentes e falantes sociais perante esse quadro, mediante a crítica das pretensões de validade veiculadas. Nesses termos, o pensador acredita que o movimento histórico, por meio de revoluções sociais, seja uma prova de relativização do poder vigente nesse âmbito. A citação que segue é bastante esclarecedora quanto a esse ponto:

Os *mass media* são capazes, simultaneamente, de hierarquizar, encolher e condensar os processos de comunicação, mas é somente em primeira instância que eles são suscetíveis de descarregar as in-

terações de tomadas de posição afirmativas e negativas a pretensões de validade criticáveis; até mesmo as comunicações submetidas à abstração e condensadas não poderiam ser postas ao abrigo em toda a quietude contra as possíveis contradições de atores responsáveis. (HABERMAS, 1987 II, p. 430)

Na medida em que se tenta aqui matizar a influência de Simmel nos estudos de comunicação, vale que se lembre que esse autor não se deteve especificamente no tema da técnica, tampouco no dos meios de comunicação de massa. No entanto, conforme indica o início desse artigo, Simmel indica a tendência à objetivação da cultura, a qual se deixa notar através dos meios de comunicação generalizada, a partir dos quais se pode sugerir uma apropriação habermasiana.

Segundo Watier (2003), no capítulo X de *Soziologie* (1908), Simmel discorre sobre tipos de associações autorizados por novas formas. A propósito da diferenciação do grupo, tem-se que o grau de individualidade de um grupo é indiretamente proporcional ao grau de individualidade do indivíduo que o compõem. Nesses termos, as instituições surgem como forma de assegurar a estabilidade dos grupos, cristalizando e transmitindo a interação social entre os indivíduos, liberando-os de todo engajamento mais pessoal e acabando por levá-los a se abandonarem nas tendências centrípetas próprias às interações sociais. As instituições, então, têm o duplo papel de garantir a unidade do grupo e a dotarem os indivíduos de uma maior liberdade individual. Vale lembrar que para Simmel, exercer a individualidade significa a exercer a fragmentação do

indivíduo através da interação social com diferentes grupos simultaneamente.

Cabe, então, aos meios de comunicação generalizada tornarem possível associações e atividades comuns entre pessoas psiquicamente diferentes e distanciadas no espaço. Em função disso, esses meios devem ser abstratos e providos de uma validade universal. O dinheiro, a verdade (ciência), o amor e o direito figuram como exemplos desses meios.

No caso da Teoria do Agir Comunicativo, Habermas (1981) vê os meios de comunicação desenvolverem-se em termos de formas generalizadas de comunicação. E isso, em termos que essas formas passem a ser regidas pelos meios de controle sistêmico, como o poder e o dinheiro. Percebe-se aqui uma proposição da comunicação comprometida em termos de sua dimensão simbólica, malgrado a autonomia dos indivíduos, com os meios de comunicação generalizados.

A lógica dos meios de comunicação, entendidos nesse sentido, coincide com lógica da interação social, segundo Simmel, já que intervém junto aos grupos no tempo e no espaço, devido à sua imbricação com o dinheiro, por exemplo, abstrato e de validade universal. Na medida em que se fala de meios de comunicação, fala-se também de técnica e, com isso, da mesma tendência de que esses meios de comunicação generalizados permitam o contato entre indivíduos distanciados no espaço, no decorrer desse processo que se desenrola com o aparecimento da opinião pública.

Em seguida, perceberemos que algumas das questões suscitadas por essa Teoria de Habermas, e que permitem a relação com o pensamento simmeliano, encontra variável no conceito de comunicação de Dominique

Wolton, cuja formulação permite essa relação de maneira mais direta.

4 Wolton e a dupla hélice da comunicação: dimensão normativa e funcional

Dominique Wolton, sociólogo francês contemporâneo, dedicou quase a totalidade de sua atividade investigativa e editorial à questão da técnica, da comunicação e da sociedade. Nesses quase trinta anos de pesquisas, a comunicação predomina como tema inerente às possibilidades de relação entre técnica e sociedade.

A obra de Dominique Wolton pode ser reunida em três núcleos temáticos, conforme três conjuntos de publicações. Em um deles, verifica-se o impacto da tecnologia sobre a sociedade, na medida em que mapeia novos quadros sociais em função disso, atestando o predomínio da racionalidade, via economia, em diferentes setores sociais.

Outro faz referência à mudança do estatuto da informação, segundo o autor, cada vez mais identificada com a informação-dado, ao invés de representação política. Aponta-se, com isso, a segmentação das tecnologias de informação e de comunicação, além da valorização dos meios de comunicação de massa e de seu público. Por outro lado, o autor classifica a guerra e o terrorismo como fenômenos sociais ligados à mídia e ao problema da identidade, bem como atribui à comunicação o papel de gestora das diferenças na Europa.

Finalmente, a fase mais recente dos estudos de Wolton trata da comunicação como conceito central para pensar a contemporaneidade. Aqui, Wolton confere à comunica-

ção uma dimensão normativa (partilha, troca com o outro) e outra funcional (necessidade de troca). O elo entre essas duas dimensões dar-se-ia pelas tecnologias de comunicação e de informação. Também é dessa fase a não classificação da Internet como meio de comunicação, além da percepção de que as tecnologias de comunicação e de informação servem tanto aos ideais democráticos quanto aos fundamentalistas. É, então, a partir desse conceito que vai ser evocado o conjunto de idéias do autor que possa ter relação com o pensamento simmeliano quanto à crise da cultura moderna, em termos de sua tendência à objetivação.

Para Wolton, comunicação é uma dupla hélice entre as dimensões normativa e funcional, conceito pela primeira vez disposto em *La dernière utopie: naissance de l'Europe démocratique* (1993). Segundo ele, “a dimensão normativa, [...] remete à divisão e à troca. A comunicação funcional [...] remete às necessidades de troca cada vez mais numerosas em uma sociedade complexa”.(WOLTON, 1993, p. 367).

Já em *Penser la communication*(1997), percebe-se uma profusão de classificações para a palavra comunicação. Seriam três os sentidos que comunicação recobriria: um antropológico (comunicação direta entre indivíduos ou coletividades), um técnico (conjunto de técnicas que fazem a mediação das trocas do sentido anterior) e um funcional (atende necessidades de uma sociedade aberta: comércio, diplomacia e nova divisão internacional do trabalho). O que esses três sentidos teriam em comum, segundo o autor, é a interatividade que proporcionariam, ainda que isso não seja garantia de intercompreensão.

Voltando às dimensões da comunicação,

essa dupla hélice explicaria, em parte, a posição central que a comunicação ocupa na sociedade moderna. Primeiro porque a dimensão normativa encerraria um desdobramento do laço com o outro, em nome da tradição judaico-cristã, que consistiria na igualdade entre indivíduos. Por outro lado, essa questão se acomodaria bem em um horizonte da sociedade democrática de massas, que prevê a liberdade dos indivíduos. Já a dimensão funcional teria a ver com o direito à expressão condizente com a democracia de massa, que, por sua vez, viria a coincidir com as lógicas da rentabilidade e de instrumentalização, solicitadas pelas sociedades complexas.

Interessante é notar que Wolton situa as técnicas de comunicação como a condição de passagem de uma dimensão para a outra. “Elas (as técnicas) misturam permanentemente as duas dimensões, explicando porque elas têm um papel teórico essencial, acentuado pelo seu lugar crescente no conjunto das situações da vida privada e pública”(WOLTON,1997: p. 33).

Para o autor (1997), tudo leva à celebração de um ideal de comunicação funcional. Ou seja, comprimir e integrar dados, bem como diferentes atividades sociais (lazer, trabalho, educação, etc) em um só terminal estaria em estreita relação com uma racionalidade que pressuporia uma mesma lógica para diferentes atores em diferentes estágios de comunicação. Wolton (1997) contraria essa posição, afirmando que a integração é própria do domínio técnico da comunicação e não de seus conteúdos.

Se fosse assim, os conflitos sobre a alteridade não teriam conhecido a inversão entre comunicação e identidade nos dias de hoje. Trata-se, ao contrário do que se pensa comumente, para o autor (1993), de que o século

XX tenha sido o da identidade, enquanto que o século XIX tenha sido o da comunicação. Isso porque a abertura através da comunicação entre as nações e os continentes se deu já no século XIX. O século XX é o da queda do comunismo, da base religiosa dos conflitos vividos no Oriente Próximo e Médio, e dos regimes totalitaristas. Acontecimentos estes que se desenrolaram paralelamente ao desenvolvimento dos mais sofisticados equipamentos tecnológicos.

Com o conceito de comunicação de Dominique Wolton, percebe-se um redimensionamento de questões postas por Habermas com a Teoria do Agir Comunicativo. Não se trata aqui, simplesmente, de uma substituição da dimensão simbólica da comunicação (linguagem) por meios de controle sistêmicos (dinheiro, poder). Wolton propõe um modelo mais complexo, que comporta a relação conflituosa entre os aspectos concernentes à dimensão normativa da comunicação (necessidade de partilha, troca) com aqueles associados à sua dimensão funcional (condição de implementação dos aspectos normativos). O conflito propriamente dito entre essas duas dimensões estaria no fato de que o princípio da técnica operaria uma mistura entre essas atribuições, personificando, talvez, segundo Simmel, a objetivação da cultura, através da instrumentalização, que poderia inverter a relação entre meio e fim. O próximo item aprofunda esse aspecto segundo Simmel.

5 Crise da cultura e cibercultura

Pode-se dizer que essa nova configuração de época, que levou Simmel a formular não só um novo método sociológico, mas também um novo conceito de sociedade, acaba por

desembocar no conceito de tragédia da cultura observada pelo mesmo autor. Por cultura, o autor entende um processo que se estabelece entre as criações objetivas da espécie e a vida interior do indivíduo. Por se tratar de um processo, somente o conjunto das obras criadas objetivamente em uma determinada época não são suficientes para esgotar o conceito de cultura. A busca pelo espírito subjetivo desse aperfeiçoamento, que é o cultivar-se, passa necessariamente por essas criações objetivas que lhe são exterior, como a ciência, a arte, o estado, os conhecimentos do mundo, etc. “É por isso que cada comportamento destinado a nos cultivar está ligado à forma de fim e de meio”(SIMMEL, 1990[1918], p.271).

O problema que Simmel identifica na cultura moderna é que cada vez mais fins e meios não correspondam mais a mesma realidade. Simmel atribui esse distanciamento à crescente intelectualização do mundo, à objetivação da cultura, que pode ser observada através da importância da técnica nos diferentes domínios da sociedade. Conforme indica a citação que segue:

O crescimento surpreendente, em intensidade e em extensão de nossa técnica - que não se restringe aos domínios exclusivamente materiais - prende-nos em uma rede de meios e de meios de meios, que nos desvia de nossos fins considerados específicos e definitivos através de um número crescente de instâncias intermediárias.(SIMMEL, 1990[1918], p. 272)

A consequência direta desse crescente distanciamento do indivíduo dos seus fins, devido a essas instâncias intermediárias é que de cada vez mais, essas figuras objetivas que

compõem o quadro de uma época desenvolvida culturalmente, passíveis de serem interiorizadas pelo indivíduo que pretende atingir um estágio superior em si mesmo, passem a se autonomizar, tornando-se de difícil apreensão para este indivíduo, tanto em termos qualitativos quanto quantitativos.

Quando Simmel fala de formas atomizadas, que não remetem umas às outras, ele contrapõe o que projeta como tendência da cultura moderna com o que se deu, por exemplo, na Atenas, de Péricles ou na Itália Renascentista. O sentido maior da cultura, nesses últimos casos, era a busca da qualificação do indivíduo, na constituição de sua subjetividade. Conforme indica Rüdiger(1999), fazendo referência à Jaeger(1994) e Burkhardt(1973):

Na política, ciência, arte e outras práticas, possuíam uma unidade de estilo e uma simplicidade de estrutura que permitia sua apreensão por todos os que desejavam ter educação. Em nossa época ocorre o oposto: a política, a ciência, a arte, etc. são movidas por forças e interesses especializados, que privam o homem da capacidade de relacionar seus conteúdos objetivos com o desenvolvimento harmonioso e global de sua individualidade.(RÜDIGER, 1999)

Dessa forma, o indivíduo é levado a acompanhar os conteúdos e a velocidade a partir da qual se desenvolvem a indústria, a ciência e as artes, com indiferença ou, contraditoriamente ao fato de que tais conteúdos deveriam fazer sentido mediante sua apropriação pelo indivíduo que busca seu aperfeiçoamento.

Há, então, nas culturas superiores, além da distância qualitativa entre os elementos

objetivo e subjetivo, uma quantidade ilimitada de produção desses bens, distanciando-se esse conjunto de saberes e artefatos ainda mais da possibilidade de apreensão por parte do indivíduo com fins de aperfeiçoamento. Quanto a isso “este (sujeito), determinado na sua forma, limitado no que concerne a suas capacidades, só pode satisfazer essa pretensão em uma medida cada vez mais incompleta”(SIMMEL,1990[1918], p.273). Com isso, o homem moderno é ao mesmo tempo, incapaz de assimilar tais conteúdos interiormente, e incapaz de recusá-los, já que estes fazem parte, potencialmente, da esfera da cultura.

Dessa forma, o fato de que os meios se tornem fins em si mesmos e a possível autonomização das realizações objetivas da cultura, de acordo com normas objetivas e não mais somente em relação ao subjetivo, que não consegue mais captá-las, são considerados por Simmel(1990) como os perigos das culturas avançadas e muito avançadas. Afinal, “A vida só pode se exprimir nas formas que, independentemente dela, são e significam alguma coisa. Essa contradição é a tragédia verdadeira e contínua da cultura.(SIMMEL, 1990[1918], p. 277)

E é por isso que Simmel identifica uma época em que predominam as formas atomizadas, no sentido exposto acima, com o oposto do que considera cultura. Na medida em que se insinua uma certa procedência desse ponto de vista com a emergência da cibercultura, torna-se pertinente investigar as condições de manutenção do próprio termo (cibercultura) como designativo das criações objetivas de uma época e das possibilidades

de sua apreensão pelo indivíduo contemporâneo. Nesse quadro de análise, a comunicação, conforme Wolton, aparece associada ao conceito de forma e de conteúdo de socialização(técnica).

6 Termos da nova abordagem da obra de Simmel

Para explicitar em que sentido se dará a nova abordagem de Simmel no estudo da comunicação, vale recorrer a uma observação feita por Mattelart(1999). Esse autor se vale do antropólogo Gérard Althabe para comentar as formas pelas quais se deixa notar a relação dos representantes das sociologias interpretativas (interacionismo e etnometodologia) com suas referências mais diretas. Nas palavras de Althabe, citado por Mattelart(1999):

Projetos como esse carecem de distanciamento crítica em relação às orientações de pesquisa a que se ligam; por um lado seria preciso insistir em sua origem [G. Simmel, G.H. Mead] e no sentido de seu surgimento e desenvolvimento atual no campo das ciências sociais e da sociedade americana [...]. Ao mesmo tempo, seria necessário pôr a questão do sentido que assumem tais orientações no campo francês das ciências sociais (em certos aspectos, rompem com a tradição sociológica durkheimiana), e os autores desses estudos deveriam explicitar o percurso que os levou a inscrever-se em semelhantes perspectivas. A supressão da distância crítica freqüentemente provoca a impressão de que esses estudos constituem mera prática imitativa.(Althabe apud MATTELART, 1999: 138)

Por outras palavras, é buscando realmente fundamentar uma nova abordagem do pensamento simmeliano que se pretende levar em conta a dinâmica de sua trajetória como um todo. Propõe-se que através do estudo dos aspectos aqui destacados da sociologia formal de Simmel, ligados com o conceito e a noção de tragédia de cultura, possa-se chegar a uma articulação entre a comunicação, no sentido proposto por Wolton, e a cibercultura, em termos de uma possível concretização da objetivação da cultura.

Nesses termos, é preciso levar em conta que, conforme Rüdiger, “Simmel não chegou a elaborar o conceito de cultura tecnológica, mas foi um dos primeiros a perceber como o princípio da máquina começou a suplantar o projeto humanista e a se tornar um valor universal”(RÜDIGER, 2002, p.109). Frente a isso e de acordo com o exposto, a hipótese é de que mais do que ser regulada por formas como o dinheiro e o poder, a comunicação seja também uma agenciadora destas formas sociais que se realizam através de vários conteúdos de socialização (amor, direito, técnica, sentimento religioso).

7 Referências bibliográficas

- COULON, A. *L'École de Chicago*. Paris: PUF, 1992.
- DEROCHE-GURCEL, L; WATIER, P. (org.) *La sociologie de Georg Simmel (1908) - Éléments actuels de modélisation sociale*. Paris: PUF, 2002.
- FRISBY, D. *Fragmentos de la modernidad*. Teorías de la modernidad en la obra de Simmel, Krakauer y Benjamin. Traduzido por s.n. Madri: Visor, 1992. Tradução de *Fragments of modernity. Theories of modernity in the work of Simmel, Krakauer and Benjamin* (1985).
- HABERMAS, J. *Théorie de l'agir communicationnelle*. Tome II. Paris: _____, 1987.
- MATTELART, A.e M. História das teorias da comunicação. Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Tradução de *Histoire des théories de la communication*(1995).
- RÜDIGER, F. *Capítulos de arqueologia espiritual pós-moderna*. Sujeito e objeto na aurora da Cibercultura. Porto Alegre: E@, 2002.
- RÜDIGER, F. *Introdução à teoria da comunicação*. Problemas, correntes e autores. 2 ed. São Paulo: Edicon, 2003.
- RÜDIGER, F. *Simmel e a tragédia da cultura na era da técnica*. In: Revista Eletrônica Intexto, n. 4, 1999.
- SIMMEL, G. *Philosophie de l'argent*. Traduzido por Sabine Cornille e Philippe Ivernel. Paris: PUF, 1987. Tradução de *Philosophie des Geldes*(1900).
- SIMMEL, G. *Sociologia, 1*. Estudios sobre las formas de socialización. Traduzido por s.n. Madrid: Alianza Editorial,1977. Tradução de *Soziologie Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*(1908).
- SIMMEL, G. Crise de la culture moderne in: *Philosophie de la modernité II*. Traduzido por Jean-Louis Viellard-Baron.Paris: Payot, 1990. Tradução

de *Der Konflikt der modernen Kultur* (1918).

WATIER, P. *Georg Simmel sociologue*. Belval: Circé, 2003.

WOLTON, D. *La dernière utopie*. Naissance de l'Europe démocratique. Paris: Flammarion, 1993.

WOLTON, D. *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.